ESTUDO DO MEIO: CONCEITO, OBJETIVOS E PRINCÍPIOS

MARIA APARECIDA FELICIA LARUCCIA

RESUMO
O presente artigo propõe descrever conceito, princípios e objetivos da metodologia do estudo do meio a fim de colaborar para o entendimento e desenvolvimento desse método no interior das escolas. Partindo de reflexões sobre a relação escola e comunidade, conceitua estudo do meio, como metodologia a ser aplicada nas escolas, a fim de aproximar o aluno da sua realidade. Aborda também objetivos e princípios relevantes da sua prática. A pesquisa debruçasse nas reflexões e análises realizadas por Dra. Nídia Nacib Pontuschka[2], que aborda de maneira prática e direta em sua tese de doutorado, artigos e livros, conceitos, princípios e objetivos dessa metodologia. Tem como princípio um estudo do meio como procedimento de ensino em uma perspectiva construtivista e a interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. O artigo revela a função real da escola dentro da sociedade em que vivemos atualmente e sua relação com seu entorno e a viabilidade da metodologia do estudo do meio, levando-se em conta seus reais objetivos e princípios. Considera-se que o estudo do meio não pode ser uma proposta pronta, com determinações previamente selecionadas, sem contar com a colaboração de todas as disciplinas escolares, em um trabalho conjunto em que todas as etapas estejam juntas desde a sua projeção.

PALAVRAS-CHAVE: estudo do meio; conceito; objetivo; princípios

SUMMARY
This article proposes to describe the concept, principles, and objectives of the methodology of field study in order to contribute to the understanding and development of this method within schools. Starting from reflections on the relationship between school and community, it defines field study as a methodology to be applied in schools, aiming to bring students closer to their reality. It also discusses relevant objectives and principles of its practice. The research focuses on the reflections and analyses made by Dr. Nídia Nacib Pontuschka, who addresses in a practical and direct way in her doctoral thesis, articles, and books, the concepts, principles, and objectives of this methodology. It is based on field study as a teaching procedure from a constructivist perspective, and interdisciplinarity as an articulating movement in the teaching-learning process. The article reveals the real function of the school within the society we live in today and its relationship with its surroundings and the viability of the environmental study methodology, taking into account its real objectives and principles. It is considered that environmental study cannot be a ready-made proposal, with predetermined definitions, without the collaboration of all school subjects, in a joint effort where all stages are together from its planning.

KEYWORDS: environmental study; concept; objective; principles

INTRODUÇÃO

Antes de definirmos o estudo do meio devemos nos perguntar se a escola dos nossos dias está preocupada em ministrar os conteúdos escolares somente? Se a escola dos nossos dias está preocupada em contribuir para a relação escola/comunidade? Se propõe em pensar e tentar resolver os graves problemas enfrentados pela comunidade do entorno ou pela sociedade em geral? Se a escola dos nossos dias realiza ações de intervenção e de educação que possam preservar e melhorar a vida na comunidade? Se a escola dos nossos dias pretende ser isolada da sociedade ou pretende ser excelente para o conjunto da sociedade? Enfim, se nossa escola tem desenvolvido o projeto estudo do meio, e se sim, como?

Ao analisarmos sobre o conceito de estudo do meio, seus objetivos e princípios, estaremos nos munindo de instrumentos para refletir sobre as possibilidades de desenvolvimento um projeto de estudo do meio e do desenvolvimento deste em nossa escola.

DEFININDO O ESTUDO DO MEIO

Iniciaremos nossa análise com a leitura da definição de Estudo do Meio por Lopes e Pontuschka (2009),

"O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar aos alunos e aos professores o contato direto com determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar.

Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos". (PONTUSCHKA, 2009)

O Estudo do Meio é, portanto, uma metodologia que permite se debruçar e mergulhar sobre um determinado espaço a fim de entender as relações sociais ali existentes. Perguntar como o espaço se organiza e produz sua paisagem são questões introdutórias e necessárias para adentrar na realidade do espaço pesquisado. Para obtermos as respostas, atividades são desenvolvidas durante o processo, sendo respondidas por meio de atividades propostas pelo professor, como observar, analisar, compreender, intervir, entre outras, conhecendo o meio ao nosso redor.

O Estudo do Meio vai permitir que os conceitos estudados em sala de aula sejam aplicados na prática, em novos espaços e contextos culturais, integrando assim a teoria e a prática. Mesmo diante de tantas informações disponíveis que atualmente nossos alunos têm acesso pelos meios de comunicação, essa ainda é uma das melhores formas de despertar a curiosidade e a atenção dos estudantes, potencializando suas percepções e relações em torno do ambiente em que vivem, conhecendo a história e porquê tem tal paisagem. Dizemos a melhor forma com tranquilidade e certeza, porque o retorno pelos alunos após finalização do projeto é sempre muito positivo e, segundo suas falas carregadas de entusiasmo e emoções por causa das novas descobertas, que são inesquecíveis durante os relatos.

Aluno e professor por meio das pesquisas produzirão novos e inéditos conhecimentos ao contatar o meio em que vivem, seja ele na cidade ou campo, ou um outro meio que não seja do aluno. O aluno por intermédio do professor, produzirá conhecimentos que revelarão e mostrarão, segundo Pontuscka, "o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve" e não estão nos livros, apostilas, artigos, jornais, revistas, etc. Discutirão sobre aspectos diferentes da realidade que desejam estudar e selecionarão uma delas para conhecê-la em profundidade.

A escolha do local a ser estudado deve ser apresentada democraticamente pelo docente, ou coordenador aos alunos; para que os alunos e professores de diferentes disciplinas opinem por lugares ou problemas a serem melhor conhecidos a fim de que, ao mobilizar os estudantes e professores, o local selecionado sirva de incentivo e seja adequado aos objetivos de cada campo de estudo.

Previamente é necessário que o professor faça uma avaliação diagnóstica sobre o local escolhido e inicie o projeto em sala de aula com a leitura de textos que os coloquem em contato com o assunto, a fim de embasar a pesquisa. Cada professor relacionará os objetivos de sua disciplina com os estudos que ocorrerão na saída de campo.

Ainda em sala de aula o professor precisa orientar os alunos como fazer a coleta de informações, de saber quais são os recursos necessários à coleta de informações (observações individuais, entrevistas, anotações escritas, gravação, vídeos, fotografias, desenhos). No retorno, o material coletado será sistematizado pelas disciplinas, socializado e levado a reflexões para possíveis propostas de soluções de interferência nos problemas cruciais vividos pela comunidade: desigualdades sociais, carência de moradia, desemprego, discriminação da mulher, marginalização de minorias étnicas, doenças ligadas a equipamentos urbanos, degradação ambiental, entre tantos outros problemas.

OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS

O estudo do meio permite, como um processo de pesquisa, que seja conhecida as relações existentes entre moradores, trabalhadores, transeuntes com o lugar em que vivem, ou passam ou trabalham, no sentido

de entender como o espaço se organiza socialmente e como são seus processos naturais, se há vegetação ou não, se tem córregos canalizados ou não, se há enchentes, desmoronamento, etc. Como pesquisa, essa metodologia faz perguntas sobre o espaço e elabora hipóteses, levando em conta as condições de recursos, suas necessidades, vontades, direcionamentos e retornos dentro das possibilidades existentes.
Orienta Pontuscka (P.386, 2014) que o processo de pesquisa do estudo do meio deva ocorrer em três momentos determinantes, que chamamos de Parte A, B e C, atingindo os seguintes objetivos:

Parte A - preparação para o trabalho de campo, através de estudos teóricos das diferentes ciências e artes; atividades práticas decorrentes desses estudos; visita preliminar pelo docente ao local para determinar o objeto de estudo;
Parte B - pesquisa in loco para observação, entrevista e registros sob diversas formas pelos alunos juntamente com os professores;
Parte C - organização do material coletado; análise das entrevistas; elaboração de trabalhos escritos, orais, gráficos e imagéticos a partir dos estudos interdisciplinares iniciados no primeiro momento e que se ampliam com os dados colecionados.

Sendo assim, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 177-178) elencam alguns objetivos que devam fazer parte da proposta de projeto para o desenvolvimento da metodologia do estudo do meio. Ainda que cada estudo do meio a ser realizado possua, em função dos interesses de seus organizadores e da própria natureza do espaço a ser estudado, finalidades mais específicas, seus objetivos mais gerais podem ser descritos da seguinte maneira:

Desenvolver trabalho coletivo, sem abrir mãos da especificidade de cada disciplina;
Consolidar um método de ensino interdisciplinar denominado Estudo do Meio, no qual interagem a pesquisa e ensino;
Analisar e explicar a construção do espaço em questão, inserido num contexto nacional e internacional;
Compreender a complexidade da realidade por meio das diferentes áreas de estudo, num mesmo momento, contribuindo para formação integral do aluno;
Propor intervenção pedagógica, apontando as contribuições que cada disciplina pode oferecer;
Refletir em conjunto e propor ações de intervenção no meio estudado, dentro das possibilidades existentes;
Criar o currículo próprio da escola;
Estabelecer vínculos entre os sujeitos envolvidos, professores, alunos comunidade escolar;
Produzir conhecimentos que não estão ainda em nenhum livro, apostila, entre outros.
Verificação de testemunhos de tempos e espaços diferentes: transformações e permanências;
Levantamento das representações específicas dos atores sociais a serem contatados;
Observações nos diferentes lugares a serem visitados;
Produção de fontes e documentos: anotações escritas, desenhos, fotografias e filmes;
Troca dos diferentes olhares presentes no trabalho de campo, através das visões diferenciadas dos diferentes atores envolvidos no curso;
Coleta de dados e informações específicos do lugar, de seus frequentadores e das relações que mantêm com outros espaços;
Emersão de conteúdos curriculares disciplinares e interdisciplinares;
criação de recursos didáticos baseados nos registros;
divulgação dos processos e do resultado.
Produção de instrumentos de avaliação em um trabalho participativo.

O estudo do meio leva o aluno a querer compreender o espaço em que está inserido, e é partindo de referências que estão sendo construídas no processo de apreensão da realidade, fazendo comparações, o aluno vai conseguindo essa compreensão. O cantato com a realidade e a reflexão sobre ela permitem que se formem referenciais para entender que o meio é dinâmico e não estático. Ele descobre que o espaço se transforma, que a paisagem se modifica com o tempo e que há um embate pelo uso do espaço entre diferentes setores da sociedade, publico, se-

tor privado e população. A paisagem que se mostra é resultado das relações desses diferentes setores e que é passível de modificação durante sua história. E, ao descobrir que o espaço está em movimento, que se transforma, o aluno tem uma reação de espanto, pois é difícil imaginar que aquele espaço já foi uma floresta, ou uma fazenda, ou uma indústria, cemitério, entre outros.

PRINCÍPIOS PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO DO MEIO

O estudo do meio, como foi citado anteriormente, é uma metodologia de estudo por natureza interdisciplinar, já que o meio apresenta a realidade de forma global. As ciências dividiram o global em várias partes, facilitando o estudo, porém não é compartimentada a realidade, dividida em áreas, como aprendemos nos cursos superiores e ensinamos nas escolas.

A concepção do trabalho interdisciplinar pressupõe a colaboração das várias disciplinas para o estudo de um determinado local que orientará as atividades pedagógicas, claro, respeitando sempre a especificidade de cada área do conhecimento. Sendo assim, vários professores estarão envolvidos e a realidade será apreendida por meio do cantato físico, da experiência in loco e de forma global, permitindo ao aluno compreender melhor o mundo em que está inserido e os conteúdos ministrados nas disciplinas.

Antes de prosseguirmos e para trabalharmos os princípios do método estudo do meio, relembraremos alguns conceitos importantes:

Disciplina Escolar, segundo Pontuschka (2002): mantém vínculos com a respectiva ciência por meio dos conceitos, métodos e teorias. Os conteúdos disciplinares são organizados a fim de atender a concepções da ciência em questão, por meio de um rol de conteúdos, conforme às concepções de organização do currículo.

Interdisciplinaridade, segundo Araujo (2003): Aquilo que é comum a duas ou mais disciplinas ou campos de conhecimento. Não é só se juntar com os colegas e trabalhar um mesmo tema sem se conversar, sem dialogar com a 'disciplina' do outro. O DIÁLOGO é necessário entre as disciplinas.

Multidisciplinaridade, segundo Araujo (2003): ocorre quando um determinado fenômeno a ser analisado solicita o aporte de vários especialistas de diferentes disciplinas para explicá-lo ou para tentar resolver um problema. As partes não precisam dialogar.

Transdisciplinaridade, segundo Araujo (2003): temáticas que ultrapassam a própria articulação entre as disciplinas. Não há fronteira sólida entre as disciplinas. Não se consolidam dentro de um campo de conhecimento específico (futuramente poderão se tornar um), pois são atravessadas por diversas matrizes. (Ex. falar de alimentação na escola).

É importante ressaltar que a multidisciplinaridade não dialoga entre as áreas, cada qual faz seu trabalho sem ocorrer integração e a interdisciplinaridade, a integração e o diálogo se fazem necessários.

Prosseguiremos analisando alguns dos conceitos construídos por teóricos que estudaram sobre o tema:

Para Piaget (1972), a interdisciplinaridade é a colaboração entre disciplinas diversas ou entre sectores heterogéneos de uma mesma ciência que conduz a integrações propriamente dita, isto é, a uma certa reciprocidade de trocas tendo como resultado final um enriquecimento recíproco.

Para Fazenda (1979), o pensar interdisciplinar parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. "Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas . . . um projeto interdisciplinar não precisa se orientar apenas para o produzir, mas que surja espontaneamente, no suceder diário da vida, de um ato de vontade. Nesse sentido, ele nunca poderá ser imposto, mas deverá surgir de uma proposição, de um ato de vontade frente a um projeto que procura conhecer melhor" (1979, p. 48).

Segundo Pombo (2004), o progresso da ciência, a partir sobretudo da segunda metade do século XX, deixou de poder ser pensado como linear, resultante de uma especialização cada vez mais profunda, mas cada vez mais depende da fecundação recíproca, da fertilização heurística de umas disciplinas por outras, da transferência de conceitos,

problemas e métodos – numa palavra do cruzamento disciplinar.
Interessante perceber que Pombo fala sobre uma necessidade da interdisciplinaridade, e não apenas sobre uma vontade de agir interdisciplinarmente e Thiesen explica sobre essa necessidade:

[...]importa salientar que existem algumas razões por detrás da emergência da interdisciplinaridade. Por um lado, a consciência da profunda rutura da escolaridade em função da especialização e fragmentação do conhecimento científico; por outro lado, a rutura da escolaridade em função dos novos meios de comunicação e informação; e, por fim, a notória e sentida rutura entre a tecnociência e o homem. Deste modo, a especialização e a fragmentação do conhecimento por partes distintas são acompanhadas por um conhecimento abstrato e pouco conciso. Assim, a interdisciplinaridade nas escolas funciona como um contraponto a esta realidade, permitindo um conhecimento mais concreto. (THIESEN, 2008 apud DIAS, 2019)

A ruptura em todos os cantos do conhecimento atomizado faz dele superficial, exigindo a interdisciplinaridade para o conhecimento concreto. Como ensinamos nas escolas? Um conhecimento superficial.
Dias (2019) comenta que, para Pombo, Guimarães e Levy (1993), dado a evolução de alguns conceitos como pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade, chega-se hoje à integração de saberes. Trata-se da fusão de conhecimentos, métodos e técnicas disciplinares, com a construção de uma modalidade ou forma de conhecimento que acaba substancialmente com a fronteira das disciplinas. As diferentes disciplinas devem convergir para o tratamento de um dado tema ou atividade, sem que haja qualquer dependência ou hierarquia entre elas, mas antes uma colaboração e interação com um determinado fim. ..... Uma prática por situações de ensino que privilegiem a elaboração de projetos prevê a presença de uma integração de saberes, em que o contributo das diversas disciplinas é crucial para um conhecimento mais profundo sobre um determinado tema de estudo.
Assim, com a finalidade de promover abordagens interdisciplinares, o estudo do meio para o professor é um caminho a ser trilhado com os alunos, a metodologia abordará o tema em questão, que será definida uma situação problema e as atividades propostas intrínsecas a essa metodologia dinamizará o projeto e a contribuição das várias disciplinas será fundamental para um conhecimento mais profundo sobre o tema em estudo.
Para Fazenda (1994), não se trata apenas de eliminar as barreiras entre as disciplinas, mas também as barreiras entre as pessoas, de modo que os profissionais da escola procurem alternativas para se conhecer mais e melhor, troquem conhecimentos e experiências entre si, tenham humildade diante da limitação do próprio saber, envolvam-se e comprometam-se em projetos comuns, modifiquem as suas rotinas em busca do conhecimento, perguntando, duvidando e dialogando consigo mesmos. Alunos que não se aproximavam em sala de aula relataram terem se tornados amigos após o projeto estudo do meio, que tem a interdisciplinaridade como princípio.
Apesar de identificarmos após a leitura dos autores acima a importância de integrar os saberes, favorecendo o estudo do meio com todas as vantagens citadas, os professores não ficam livres das dificuldades em realizá-lo. Segundo Dias,

[...]A formação dos professores, construída numa lógica disciplinar é, quiçá, o primeiro dos grandes obstáculos à prática de integração curricular. A formação de professores espelha as realidades das escolas no sentido de encontrar respostas às necessidades dos alunos, mas promovendo uma abordagem que não tem em conta, nem uma perspetiva interdisciplinar do conhecimento científico, nem as potencialidades da integração curricular na sala de aula. (DIAS, 2019)

Além da interdisciplinaridade, outro princípio importante é o da dialogicidade, por ser uma metodologia o estudo do meio interdisciplinar, um trabalho coletivo, com a participação de vários professores, onde a dialogicidade entre áreas deverá estar presente durante todo o processo. Não podemos nos esquecer de que o diálogo é imprescindível para que ocorra a interdisciplinaridade, caso

contrário será um trabalho multidisciplinar. Não é apenas cada disciplina fazendo a sua parte, é cada disciplina dialogando com todas as partes e vice-versa. Segundo Paulo Freire, a dialogicidade é

[....] uma metodologia que tenha diálogo como sua essência, e que peça ao educador uma postura crítica, de problematização constante, de distanciamento, de estar na ação; uma metodologia de trabalho que aponte na direção da participação, na discussão do coletivo e que, por isso, exija uma certa disponibilidade de cada educador. (São Paulo, SME, Tema Gerador e a Construção do Programa, 1991:8 apud PONTUSCHKA at OLIVEIRA, 2002, p. 192).

Para o professor, que teve formação compartimentada, se torna um desafio muito grande colocar em prática a dialogicidade e a interdisciplinaridade. Segundo Nídia Nacib Pontuschka,

[...] a dialogicidade exige permanente colaboração entre os vários professores, que compreende adentrar em uma tarefa árdua, pois é preciso que passem de um trabalho individual, solitário e compartimentado, no interior de uma disciplina ou de um dos ramos da ciência, para um trabalho coletivo, orientado para o interdisciplinar, em que, em um esforço individual e coletivo, vá em busca de entender o global, somente conquistado por meio de uma construção; em que olhares diferenciados de cada área incidam sobre um mesmo local e os docentes dialoguem sobre ele, iluminados pelos fundamentos teóricos e conceitos básicos de sua disciplina, na busca incessante de compreendê-lo melhor. (PONTUSCHKA, 2002)

Um desafio muito grande porque a interdisciplinaridade requer mudança na postura do professor promovendo uma interação entre as disciplinas de Geografia, História, Matemática,
Português, Ciências, entre outras, assim conforme a BNCC prevê no currículo,

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. [...] (BNCC, P. 17, 2017).

Então o professor não está totalmente só? A realidade não é fragmentada, ao contrário, totalmente integrada, e os projetos interdisciplinares auxiliam o aluno a entender a realidade que é complexa. O papel da escola é estimular a interdisciplinaridade, a fim de formar um cidadão inteiro, segundo BNCC. Sob este ângulo, conforme a BNCC, o professor não está totalmente só então, já que o papel da escola é estimular a interdisciplinaridade, mas porque será que projetos interdisciplinares são ponto isolados nas escolas? Será que o apoio, as condições de trabalho para que se torne interdisciplinar e ocorra o diálogo são proporcionados? A estrutura favorece tanto nas escolas públicas como privadas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas educacionais enfatizam insistentemente na realização de um trabalho integrador dentro da escola, aproximando professor/professor, professor/aluno, aluno/aluno, conteúdo/método. Nessa ótica, o estudo do meio é um dos projetos possíveis para se pensar o trabalho conjunto entre as disciplinas Geografia, História, Artes, entre outras, transpondo o afastamento que cada área de estudo, porém sem perder suas particularidades próprias da ciência.
O estudo do meio não pode ser uma proposta pronta, com determinações a priori, sem contar com a colaboração de todos, em um trabalho conjunto em que todas as etapas estejam juntas desde a sua projeção. A importância do projeto e sua relevância precisam estar em pauta na discussão de todos os participantes. A definição do local, os objetivos e os caminhos a ser percorridos, os conceitos e métodos das diversas áreas precisam ser conhecidos por todos sem eliminar as diferenças, porque cada conceito foi construído segundo as especificidades de cada ciência ou disciplina escolar. Perseguindo tais princípios, os objetivos e métodos de trabalho irão surgindo do grupo

nas discussões prévias, as possibilidades de realização do projeto vão se tornando reais aparecendo aquele que pensa diferente, o semelhante, o divergente, a confiança e o compromisso entre todos. É um desafio instigante e não impossível de ser realizado.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, U.F. Temas transversais e as estratégias de projetos. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

CAMPINO, D. P. B. Estudo do meio: a construção de uma prática integradora. Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação, Lisboa. 2018.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-Tempo na Metrópole. São Paulo: Contexto, 2001.

DIAS, Alfredo Gomes. Interdisciplinaridade e Integração Curricular. In: PIRES, C.; LINO, D.; PEREIRA, S; LEITE, T (org). Atas do IV ENcontro de Mestrados em Educação e Ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa. CIED, 2019.

FAZENDA, Ivani. Interação e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Afetividade ou Ideologia.São Paulo: Loyola, 1993.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O estudo do meio: teoria e prática. Geografia (Londrina) v.18, n.2, 2009.

POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: reflexão e experiência. Lisboa: Texto, 1993.

POMBO, O. Interdisciplinaridade: ambições e limites. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLU, T. I.; CACETE, H. N. Para ensinar e aprender Geografia.1º ed. São Paulo, Cortez. 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; LUTFI, E. P. Geografia e português no estudo do meio. Metodologia interdisciplinar de ciências humanas: a entrevista. GEOUSP – Espaço e Tempo (Online), São Paulo, v. 18, n. 2, p. 386-402, 2014.

PONTUSCHKA, N. N., BITTENCOURT, C. M. F., NADAI, E., & KULCSAR, R O "Estudo do Meio" como trabalho integrador das práticas de ensino. Boletim Paulista De Geografia, 2017.

SANTOS, M. O espaço do cidadão. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1993.

Informações da autora: Maria Aparecida Felicia Laruccia: Possui graduação em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1986), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2004). Lecionou no curso de Pedagogia da Faculdades Integradas Campos Salles e Faculdades Integradas de Guarulhos, além de atuar na rede de público. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Metodologias de Geografia e História, Geografia urbana, Parques Urbanos, Estudo do Meio e Educação. E-mail para contato: mlaruccia@terra.com.br [2]Profa. Dra. Nídia Nacib Pontuschka[2], in memória, professora doutora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada e professora de pós-graduação no núcleo de pesquisa sobre Didática, Teorias de Ensino e Prática Escolares da Faculdade de Educação da USP e atuou principalmente nas áreas temáticas de Geografia, Formação do Professor, Estudo do Meio, História da Disciplina Geografia e Educação Ambiental. Coordenou o Projeto de Estudo do Meio e Formação de Professores da Secretarias Municipais de Educação de Guarulhos-SP, 2006 à 2008 e de Suzano-SP, de 2010 à 2011, entre outros.